

sorteio da loterias

1. sorteio da loterias
2. sorteio da loterias :betsul nao paga
3. sorteio da loterias :aplicativo jogar loteria

sorteio da loterias

Resumo:

sorteio da loterias : Faça parte da jornada vitoriosa em mka.arq.br! Registre-se hoje e ganhe um bônus especial para impulsionar sua sorte!

contente:

A Mega-Sena é a maior loteria do Brasil, organizada pelo Banco Federal da Caixa a desde março de 1996. mega Sena – Wikipédia.a enciclopédia livre : wiki.

A Caixa Econômica Federal é a instituição financeira responsável por operar as loterias federais no Brasil, incluindo a tradicional Mega Sena. Para conferir os resultados da Mega Sena, basta acessar o site oficial da Caixa ou canais autorizados que divulgam as informações após a realização de cada sorteio.

Em geral, os resultados da Mega Sena são divulgados em sorteio da loterias dois dias da semana, geralmente às terças e sextas-feiras. Para consultar os resultados, basta acessar o site da Caixa ou sites especializados em sorteio da loterias loterias. Os resultados são disponibilizados em sorteio da loterias formato de lista com as dez esferas sorteadas, na ordem em sorteio da loterias que foram sorteadas. Além disso, é informado o número de acertadores e os valores das premiações para as diferentes categorias de acertos.

Caso tenha adquirido uma aposta e queira conferir se acertou alguma das categorias, basta comparar as suas dez esferas sorteadas com os números divulgados. Se acertar seis, cinco ou quatro números, estará apto a concorrer a um prêmio, cujo valor dependerá do número de acertantes e do valor arrecadado com as apostas da rodada.

Em resumo, para conferir os resultados da Mega Sena, basta acessar o site da Caixa ou sites especializados em sorteio da loterias loterias e comparar as dez esferas sorteadas com as suas apostas. Caso acerte alguma categoria, estará apto a concorrer a um prêmio, cujo valor varia de acordo com o número de acertantes e do valor arrecadado com as apostas da rodada.

sorteio da loterias :betsul nao paga

CEBRSP XXXXXséculoláBIC / Código SWIFT - CAIXA ECONOMICA FEDERAL Brasil. - Sábio. O código SWIFT/BIC para Caixa Econômica Federal É:CEFXSPXX XX XXII. No entanto, Caixa Econômica Federal usa diferentes códigos SWIFT/BIC para os variados tipos de serviços bancários que oferece: Se você não tem certeza de qual código é deve usar o verifique com seu destinatário ou com ele banco. diretamente;

dores. Isso significa, foi declarado a você é vencedor no passado com essa será o razão pela qual Você sabe do 4 resultado! Portanto quando falaremos sobre passadas colocamos loteria. O que é correto, 'Se eu ganhar na Loteria' ou "se ele ganhou a 4 lotaria? - Quora quora : Qual-é/correto a se oeu comganhou em (loteira)ou Se

sorteio da loterias :aplicativo jogar loteria

Sim Não

Obrigado pela participação. Nós usaremos esta informação para trazer mais novidades para você.

Por Fábio Grijó, Felipe Schmidt e Martín Fernandez — Rio de Janeiro

04/03/2024 12h01 Atualizado 04/03/2024

Vinte anos depois de ter se aposentado, Fernando Meligeni dá entrevistas com a mesma intensidade com a qual jogava. Como ensinou seu pai, Osvaldo, que morreu em sorteio da loterias 2024, e a quem costuma citar com frequência, Meligeni “não deixa nada na mesa”. Faz questão de devolver todas, de convencer os entrevistadores da sinceridade contida em sorteio da loterias cada resposta.

Abre Aspas: Fernando Meligeni relembra história e escolha pelo Brasil em sorteio da loterias vez da Argentina

Em mais de duas horas de conversa no Abre Aspas, o quadro de grandes entrevistas do ge, o ex-tenista de 52 anos nascido na Argentina revelou histórias do começo da carreira, abriu o coração sobre as dores e as delícias de ter escolhido o Brasil, emitiu suas opiniões sobre tênis (mas não só, claro), elegeu Serena Williams como a maior atleta de todos os tempos e fez uma previsão:

– Bia Haddad vai ser número 1 do mundo

Abre Aspas: Fernando Meligeni

Nome completo: Fernando Ariel Meligeni Nascimento: Buenos Aires, Argentina, em sorteio da loterias 12 de abril de 1971 Carreira: virou profissional em sorteio da loterias 1990 e se aposentou em sorteio da loterias 2003. Teve 202 vitórias e 217 derrotas - em sorteio da loterias duplas, 63 vitórias e 64 derrotas Melhor posição no ranking da ATP: 25º lugar, em sorteio da loterias outubro de 1999. Em duplas, atingiu a 34ª posição Títulos: conquistou três títulos pela Associação de Tênis Profissional (ATP) e a medalha de ouro no Pan-Americano de 2003. Em duplas, conquistou sete títulos. Segundo o site da ATP, recebeu cerca de US\$ 2,5 milhões de premiações em sorteio da loterias dinheiro na carreira

Fernando Meligeni em sorteio da loterias entrevista para o Abre Aspas — {img}: ge

ge: Sua família veio da Argentina para o Brasil quando você tinha quatro anos. E você voltou para a Argentina para treinar quando tinha 15 anos. O que foi mais determinante para tua carreira e a tua vida?

Fernando Meligeni: — Meu pai veio por uma oportunidade de trabalho, pelo momento de vida na Argentina. Ele era fotógrafo, cabeludo, tomou tapas na orelha da repressão. Foi preso para “averiguación”, tomou um sustaço aqui, um sustaço ali. Ele sempre vinha para Florianópolis, conhecia o país, gostava, achava legal. Justo naquele momento recebeu uma proposta de trabalho para vir e trouxe a família. Com 15 anos eu decido ir para Buenos Aires treinar. Não tinha a mínima ideia do que estava fazendo. Mas, se eu não tivesse ido, não teria sido o jogador que eu fui. Principalmente pelo chacoalhão que tomei na Argentina.

Como foi esse chacoalhão?

— Minha mãe vai comigo para Buenos Aires, meu pai não vai. Vamos à academia, ela negocia com os caras. “Segunda-feira o Fernando tá aqui. Que horas é o treino? 9 da manhã, beleza”. Então ela diz para mim: “Você anda dois quarteirões, pega o ônibus, anda mais dois quarteirões até a academia, treina, volta de ônibus para a casa da tua vó”. No primeiro dia eu chego três minutos atrasado e não me deixam entrar. “Tem relógio? Que horas são?”. Eram 9h03. Eu quase chorei na hora. Eu era um moleque, tinha tudo na mão, tudo era tranquilo, tudo era possível, chegava para o treino na hora que queria. No dia seguinte eu chego para treinar e está todo mundo numa sala: técnicos, preparadores físicos, fisioterapeuta, a menina da limpeza, o cara do bar. O técnico diz: “Todos nós acordamos cedo para te treinar”. Foi esse o chacoalhão. Quer jogar tênis? É assim.

FRANCE - JUNE 01: Roland-Garros: Fernando Meligeni in Paris, France in June, 1999. — {img}: (Photo by Antonio RIBEIRO/Gamma-Rapho via Getty {img})

Pensou em sorteio da loterias desistir?

— Eu chorei vários dias seguidos. Eu sentia falta [de casa], tudo era diferente. Meu pai também era muito duro. “Se você voltar, vai me mostrar que não é para o jogo. Porque um tenista viaja 30

semanas por ano. Se você não aguenta, vem trabalhar comigo. Vem ser fotógrafo”.

Abre Aspas: Fernando Meligeni fala de vitórias e derrotas na carreira de tenista

Como o tênis entrou na tua vida?

— Meus pais tinham a ideia de que sermos sócios de um clube iria sociabilizar a gente. Perto de onde morávamos havia três clubes: Paulistano, Pinheiros e Hebraica. Os dois primeiros eram muito caros. Fomos na Hebraica, era barato. Meu pai perguntou: “A gente não é judeu, tem algum problema?”. Nenhum problema. Aí fomos. Entrei no futsal, eu era péssimo, meu apelido era Mario Kempes e eu não fazia nenhum gol. Um dia minha mãe conheceu o [José Flavio] Nunes, professor de tênis, e pediu para ele nos dar uma aula. E o Nunes era um gênio. Por quê?

— O Nunes era adotado, tinha 19 anos, pegava três ônibus e mais meia hora caminhando até chegar na casa dele. Meus pais abraçaram o Nunes, ajudaram para caramba. Depois ele tinha carro, me levava para casa depois do treino. E virou um segundo pai para mim. Ele fez a minha formação, me ensinou a competir. Eu amava jogar tênis. A primeira frase do Nunes eu nunca vou esquecer: “Seja bem-vindo ao melhor lugar do mundo. Onde você pode ser você mesmo”. Isso é ensinamento. Isso é genial.

Fernando Meligeni em sorteio da loterias partida em sorteio da loterias 1998 — {img}: (Photo by Norbert Försterling/picture alliance via Getty {img})

É verdade que teu pai te obrigou a jogar um torneio com uma raquete quebrada?

— Eu tinha uns 11 anos. Batendo um paredão com a minha irmã mais velha, me irritei e acertei o poste. A raquete virou uma meia-lua. Eu achei que seria destruído pelo meu pai. Ele nunca encostou um dedo em sorteio da loterias mim, nunca gritou, ele só levantava a sobancelha. Quando ele chegou em sorteio da loterias casa, mostrei a raquete. Ele fez uma cara de “o que a gente pode fazer, né?”. Não aconteceu nada, pensei que tinha me dado bem. Isso foi numa quarta. Na sexta eu jogava um campeonato no Tênis Clube Paulista. Quando ele chegou em sorteio da loterias casa na quinta eu falei: “Pai, temos que comprar uma raquete nova”. Ele: “Por quê? Você bateu, você quebrou, vai jogar assim”. Na sexta ele me levou no torneio, eu joguei com a raquete amassada e ele assistiu ao jogo inteiro sem reagir. Joguei, perdi, fiquei mais um tempo com a raquete assim. Depois, quando ele percebeu que eu tinha entendido o recado, me deu uma raquete nova.

Daí vem a disciplina?

— Era uma prova de fogo para os meus pais me segurarem. Ele sempre foi muito presente, sempre conversamos muito. Uma figura de muita autoridade, mas de uma autoridade inteligente, sem pressão. Tenho que ter muito cuidado para não ser injusto com a velha Conce (Concepción, a mãe), que sempre foi incrível também.

Fernando Meligeni no início da carreira como tenista — {img}: Arquivo pessoal

Ela já aceitou que você escolheu ser brasileiro?

— Não. É assunto em sorteio da loterias casa até hoje. Meu pai várias e minha mãe, várias vezes, falaram: “Eu não consigo entender. Tanta porrada que você tomou...”. Vocês me veem falando pouco sobre isso, porque eu não gosto de alimentar. Na maior parte da carreira eu não tive patrocínio por ser argentino naturalizado brasileiro. Tinha um banco que patrocinava todo mundo. Eu era o 2 do Brasil. O banco patrocinava o 1, o 3, o 4, o 5 e o 6. Eu era tão problemático assim? Eu era ruim? A número 1 do feminino, a número 2, a número 3. Todo mundo. Por quê? Porque eu era argentino.

Essa situação do banco que não te patrocinava, você tinha consciência na época?

— Claro. Convivi com isso a vida inteira. Com 16 anos eu faço a final do Banana Bowl em sorteio da loterias São Paulo, contra o Martín Stringari, um argentino. Tomei 6/1 6/0. Acaba o jogo, tem uma mesa ali com os troféus e não aparece ninguém. O Martín olha e fala: “Vamos pegar os troféus e ir embora”. E fomos. Eu jogava no Brasil. estava jogando em sorteio da loterias casa. E não apareceu ninguém [para entregar os prêmios]. Foi mais um caso de “esse aí que se lasque”. Aí vem a Olimpíada e o [Carlos Arthur] Nuzman fala não para você. Vem o cara do banco e não te patrocina. Tem que ser otário para achar que não teve nada.

Fernando Meligeni celebra ponto contra Lleyton Hewitt, da Austrália, durante a Copa Davis de

2000 — {img}: Credit: David Pillinger/ALLSPORT

Quanto isso te deu gás?

— O que me dava gás era ver meu pai, minha mãe, principalmente minha mãe. Ela entrava na Federação Paulista de Tênis, chutava todas as mesas, todas as portas, acho que não entendiam uma palavra do que ela falava. Quando eu fui jogar o Banana Bowl [um dos principais torneios de base do tênis] o então presidente da Federação Paulista, Wanderley Checchia, que já faleceu, falou para os meus pais: “Ele é argentino. Não vamos deixar ele jogar”.

O que te motivou?

— Amor pelo país [Brasil]. Eu tenho um amor absurdo pela Argentina. Respeito, adoro, odeio que falem mal. Eu torci para a Argentina na Copa de 1986. Na Copa de 1978, tinha o disco de vinil e e botava o dia inteiro para tocar em sorteio da loterias casa. “Vamos vamos/Argentina...”. Eu fui educado por argentinos. No primeiro livro que escrevi com o André Kfoury, a minha mãe fala: “Meu sonho era ver você em sorteio da loterias Roland Garros, eu vestida de azul e branco. Mas tive que me conformar com você de verde e amarelo”. Minha sobrinha [Carol] ganha o bronze no Pan-Americano e a gente faz uma {img} com a família Meligeni. Você olha a {img} e a minha mãe está segurando a bandeira assim [pela ponta dos dedos]. “Minha neta ganhou a medalha, mas não é minha bandeira”. Minha irmã tem pôster do Maradona até hoje dentro do armário.

E mesmo assim...

— Antes de escolher o Brasil, eu fui sondado pelo [Guillermo] Vilas para defender a Argentina na Davis. “Te levo em sorteio da loterias conta para a Argentina ou vai jogar pelo Brasil?”. Naquele momento não estou jogando por nenhum dos dois. É o Vilas na tua frente, meu ídolo junto com o [Yannick] Noah. Você olha para o Vilas e diz: “Vou jogar pelo Brasil”. Eu virei o juvenil número 1 do mundo jogando pelo Brasil. E um dia depois eu queria jogar pelo Brasil.

Fernando Meligeni em sorteio da loterias 2000 vence Patrick Rafter, da Austrália, pela Copa Davis — {img}: Credit: Darren England/ALLSPORT

E você sofreu com isso?

— Na Olimpíada de Atlanta, em sorteio da loterias 1996, eu falo para um repórter: “Sou muito mais brasileiro do que você. Porque você nasceu no Brasil, e eu escolhi o Brasil”. Eu tinha 25 anos, e ali eu coloquei uma pedra para pararem de encher o meu saco. Porque eu me indispus com a minha família. Minha mãe não fez a minha naturalização. Foi a única coisa que ela não fez por mim na vida. Isso foi falado por ela: “Te ajudo no que for, menos na naturalização. Não peça isso”.

Fernando Meligeni durante Roland Garros, em sorteio da loterias 1999 — {img}: Credit: Al Bello /Allsport

E as reações na Argentina?

— Tirando uns gritos no Buenos Aires Open? [Gargalhando] “Meligeni Botón, sos un hijo de puta, la puta madre que te parió”. A gente nasce e não escolhe onde quer nascer. Mas eu tenho o direito de escolher onde quero viver.

O quanto essa mistura de Argentina e Brasil moldou teu jogo?

— Outro dia cruzei o Helinho [de la Peña] do Casseta e Planeta, e ele me falou: “Pegamos pesado com você, né? Quando você ganhava, era brasileiro. Quando você perdia, era argentino”. Tudo bem, com 15 anos eu fui para a Argentina. Mas o Nunes me formou, tive um monte de treinadores brasileiros que me ajudaram até os 15 anos. Depois eu fui lapidado pelo tênis argentino. Mas poderia ter sido pelo tênis espanhol. Ou pelo tênis brasileiro. (Thomaz) Bellucci, (Luiz) Mattar, Jaime (Oncins) não saíram daqui e foram grandíssimos jogadores. Guga não saiu e foi um gênio.

E hoje?

— Hoje eu sou extremamente respeitado, absurdamente respeitado. Às vezes até acho que jogam demais para cima, pelo que foi minha carreira. E, pô, querendo ou não, eu briguei por isso. Todo mundo quer ser querido. Eu tenho um orgulho absurdo de ser brasileiro.

A derrota que mais te irrita até hoje: Leander Paes ou Andrei Medvedev?

— Cada vez o tempo vai passando e menos me irrita. Eu precisei passar por isso para conseguir tudo o que eu consegui. Para ser quem sou hoje. Se eu tivesse ganhado a medalha olímpica,

minha vida teria mudado. Eu fiz semifinal de Roland Garros, que é uma coisa gigantesca, e minha vida dentro da quadra balançou. De entender quem eu era, aquela crise de existência mesmo. Eu sou o cara 25 do mundo, semifinalista de Roland Garros? Ou sou o cara que perde nas oitavas do ATP 250? Vamos ser sinceros. Eu não era o cara 25 do mundo. Então eu falhei duas vezes. Sem tirar uma vírgula de mérito do Leander e do Medvedev. Eu falhei, a raquete ficou pesada, fiquei com medo, ansiedade. Eu queria a medalha para esfregar na cara do Nuzman e do COB.

Por quê?

— Porque fizeram de tudo [para eu não jogar a Olimpíada de 1996]. Foi muita sacanagem. Depois da Olimpíada, em sorteio da loterias 1996, jogamos uma exibição contra os Estados Unidos no Maracanãzinho. E o Nuzman teve a petulância de me dar um prêmio. Dei a mão para ele, xinguei, não tenho nenhuma vergonha de dizer, porque eu estava muito puto. Falei para ele: "Nunca mais faça isso com um atleta. Você não tem o direito de impedir um atleta, que estava apto para jogar, que não tinha feito mal para ninguém, que não tinha sacaneado ninguém, que não tinha tirado o lugar de ninguém. Que tinha decidido ser brasileiro, que tinha passaporte brasileiro. Não existe perdão para isso. Um dirigente esportivo não pode fazer isso". E quem me deu a medalha do Pan-Americano em sorteio da loterias 2003 foi ele. É que eu não tinha 52 anos na época. Hoje eu falaria: "Ele não vai me dar a medalha. Pode ir embora. Sai daqui".

"Bia Haddad vai ser a número 1 do mundo", diz Fernando Meligeni

O Nuzman pediu desculpas?

— Acho que ele perdeu meu telefone. Nunca. Até hoje eu tenho uma relação ruim com o COB. Fui para o Pan-Americano de Lima (2024) ver a minha sobrinha jogar e não tinha ingresso. Pô, eu sou campeão pan-americano. Quem me salvou foi o presidente da CBT [Rafael Westrup]. Não tinha ingresso, mas convidaram para ir na Vila Pan-Americana dar um abraço nos atletas. Tenha dó, né. Depois do COB? Outro dia cruzei o presidente do COB e ele não sabia quem eu era. Eu tenho que me ajoelhar para a COB? Eu não vivo do COB, vivo do meu trabalho e protejo o meu esporte. Hoje é a coisa que me dá orgulho, quando eu escuto que eu sou o cara que mais defende o tênis.

Você foi muito crítico às gestões anteriores da Confederação Brasileira de Tênis (CBT). Como é a relação hoje?

— Quando o Rafael entrou, eu pedi uma reunião com ele e disse: "Você vai ter que me provar que você é legal, porque você estava lá dentro". Anos se passaram, e eu só vi coisa boa. Tem coisas que eu teria feito diferente, não iria para lá, iria mais para cá. Mas são opiniões. Ele trouxe empresas que estão patrocinando, ajudando os atletas, eu tenho dois sobrinhos que jogam e eu vejo. Quer dizer que eu sempre vou apoiar? Não. Ele sabe disso, a gente conversa. Quando eu vir algo errado, vou falar. É minha maneira de ser.

Por que o tênis brasileiro não aproveitou o fenômeno Guga?

— É a coisa do poder, né? A gente tinha o Guga, e o Guga sempre foi aberto. O Brasil inteiro patrocinava o Guga. Como que não se consegue canalizar isso para o esporte, para o tênis? Como pode o Guga ter 75 mil patrocinadores e o Brasil não ter nenhum? Porque estava desconectado. Muito ego. "Eu sou o dono do tênis". É o que eu mais escuto. E não, ninguém é dono do tênis. O tênis está aí, todos nós vamos morrer e o tênis vai continuar.

Fernando Meligeni no US Open de 2002 — {img}: (Photo by David Surowiecki/Getty {img})

Como vê a atual geração do tênis feminino brasileiro?

— O tênis feminino é uma demonstração do que se pode fazer como esporte no Brasil. Durante anos foi maltratado. Aí começaram a investir. Gosto de dar nomes: Ricardo Camargo e Otavio Della. Começaram a fazer um monte de torneios para as meninas. O que acontece? Todas as meninas vieram aqui jogar, o esporte levantou. Tem a Bia, tem a Laura, tem medalha olímpica, podemos subir para a primeira divisão da Billy Jean Cup. Por quê? Porque se investiu.

Nunca pensou em sorteio da loterias ser técnico dos seus sobrinhos?

— Não. Aí mesmo que não. Eu quero continuar a ter família. Mas eu sempre falei isso em sorteio da loterias casa, que a minha participação com eles sempre seria ativa quando eles me pedissem. Eles têm técnico, pai, preparador físico, patrocinador, tudo. Não pode ter um tio

querendo passar por cima de pessoas. Toda vez que você pegar um telefone e me ligar, eu vou te responder. Como falei para o Felipe em sorteio da loterias um momento que eu não curti onde ele ia treinar, já falei para a Carol o momento com quem ela estava treinando que eu não curti.

E eles responderam bem a isso?

— Não tenho a expectativa de que eles façam o que eu acho, porque eu não fazia o que meu pai achava.

Mas nunca ficaram putos contigo?

— Não são malucos de ficar, né [risos]? Eu acho que o Felipe, por ser masculino e ser do mesmo circuito, ele é mais arredo. E a gente é muito diferente. A Carol é muito parecida comigo, o Felipe, não. Agora, toda vez que ele me pediu ajuda, estive presente. Quando ele não me pede... Pode passar meses sem ligar. Se ele não falar nada, amanhã estarei vendo o jogo, torcendo para ele. Esse é o meu lugar de torcedor. De tio.

Qual foi a sorteio da loterias maior vitória?

— Contra o Pete Sampras. O planejamento do Pardal [Ricardo Acioly, técnico] foi perfeito. Ele me fez acreditar. Claro que ser 25 do mundo ou ser semifinalista de Roland Garros é algo maior do que uma vitória. Mas você ganhar do cara que naquele momento era o maior de todos os tempos... Não é que massageia o ego, mas é [uma sensação] de que foi legal, foi bem feito.

Poderia ter feito mais, claro, mas foi bem feito.

E a final do Pan de 2003?

— Posso falar que minha vida mudou por causa desse jogo. Alguém pode falar que o Marcelo [Ríos, rival da final] já não era o mesmo, que o torneio não tinha grandes jogadores. Concordo. Mas o importante ali foi mostrar quem eu sou. Ah, mas ele não acertou uma esquerda naquele jogo! Tudo bem, a esquerda dele é uma merda, mas ele encontrou um jeito de ganhar mesmo com aquela esquerda ridícula dele. Ele não me respeitou. Antes do jogo ele disse: “Você veio pela prata”. Foi arrogante comigo desde o primeiro dia, sempre ganhava de mim. Eu amo essa medalha, está guardada em sorteio da loterias casa. Mas o que está aqui dentro é a vitória contra o Sampras. E uma derrota para o Agassi em sorteio da loterias Roland Garros, 2001. Desgraçado, como jogava tênis, não ganharia nunca desse cara. Mas saí ovacionado, dez mil pessoas aplaudindo e o cara reconhecendo. “Parabéns”. Perdi. Todo mundo perde.

Qual era teu rival mais duro?

— O cara mais difícil para mim era o Guga. Desgraçado. Tirou o número 1 [do Brasil], me passou que nem um meteoro. Claro que eu respeito o Guga como pessoa, como tudo, todo mundo vê. Mas como tenista... É um cara genial, absurdo. Na hora que todo mundo duvidava, na hora do vamos ver, quando o parafuso aperta, com a água do pescoço, ele mete um saque aqui, uma direita ali. Saía com um sorriso no rosto dos momentos mais tensos. Porque isso não se treina. O cara é ou não é.

Da próxima geração, de quem você mais gosta?

— Alcaraz. Eu recebo essa crítica nos meus comentários. Ah, vocês ficam puxando o saco do Alcaraz. Um cara que gosta de esporte, que defende o esporte, você traz um cara jovem, simpático, alegre, aberto, querido, educado. E bom pra caramba. Isso é a salvação do tênis. Do que vive o tênis? De ídolos. Bota oito máquinas aí entre o número 1 e 8 do mundo, quebrando tudo, ranzinhas, o que acontece com o tênis? A TV vai cobrir? Vocês vão entrevistar os caras? Não, tá maluco. O cara precisa ser querido. O Alcaraz é. Você vai elogiar um cara desses ou vai criticar? Pode criticar, está jogando mal, poderia sacar melhor, o slice dele flutua. Aí estamos aqui para criticar outra coisa. Mas isso não.

Fernando Meligeni no US Open August de 2002 — {img}: (Photo by David Surowiecki/Getty {img})

Qual foi o maior babaca que você já enfrentou?

— O maior babaca dentro uma quadra de tênis, estou aqui pensando quem é mais... A galera criticava muito o [chileno] Marcelo [Ríos]. O Kafelnikov era duríssimo dentro uma quadra de tênis. Sempre foi muito babaca. O Hewitt para mim era o pior. Porque ele olhava, desprezava, falava besteira. Várias vezes me chamava de sul-americano não sei quê.

O tênis não era um esporte de cavalheiros?

— Ou de cavalos! Era muito mais divertido, né? Se eu tivesse que voltar no tempo, eu não teria dito palavras que eu falei, brigas que eu tive. Eu já chutei raquete, eu chutei a raquete do [Guillermo] Coria em sorteio da loterias Wimbledon, numa virada. Ele ficou me enchendo o saco eu fui lá e chutei, a raquete dele foi parar lá no final. Hoje você seria preso. Em Wimbledon? Chutar uma raquete? Inimaginável.

Qual foi a maior babaquice que você fez?

— Eu acho que foi num jogo contra o [Andrea] Gaudenzi, atual presidente da ATP, que deve me adorar. Tenho que aceitar. E ele nunca gostou de mim. Acho que se eu precisar de uma credencial dele, ele não vai me dar. A gente estava jogando no México, um lugar onde sempre me dei bem, ele ganhando 5 a 1. A bola sobrou no meio da quadra, aquelas bolas que você só bota de lado. E eu com toda a força do planeta e raiva da história, eu dei uma no meio dele. A bola bateu no peito dele e voltou. E quando voltou eu peguei com a mão e joguei nele e acertei ele de novo. Eu ganhei 7/5 no terceiro. Eu estou rindo aqui, mas eu não podia fazer um negócio desses.

Você se arrependeu?

— Ele era treinado pelo Ronnie [Leitgeb] que era treinador do [Thomas] Muster. Quando eu saí da quadra o cara falou: “Parabéns, você conseguiu. Ele merecia”. Porque ele era duríssimo, ele era complicado dentro da quadra. Todo mundo sabe.

"Não tenho a petulância de achar que mudaria o tênis", diz Fernando Meligeni

Você fez amigos no tênis que esperava não fazer? Com gente que não era do teu bando?

— Eu me dava muito bem com as pessoas. Tinha um problema que eu não falava muito bem inglês. Mas o Agassi era um cara com quem eu conversava bastante no vestiário, o Rafter era um cara legal, que eu me dava bem. Não quer dizer que eu saía para jantar. Eu me dava muito bem com os latinos. Moyà, Corretja, os sul-americanos todos, Lapenti, Horna, González, Massú, Filipini, Nicolas Pereira, os colombianos. A turma sul-americana era muito unida e tinha muito cara bom. Os italianos eram umas figuras. O Agassi era o cara que conversava mais, que perguntava sobre o Brasil, tinha ido para Itaparica. Aí falava, sentava e perguntava: “How is Brazil? Itaparica, very good”. E a gente ficava: “Olha o cara”.

O que acha do domínio do Big 3 (Nadal, Federer e Djokovic)?

— Essa é uma discussão muito boa. Você não pode comparar o Pelé com os dias de hoje. A raquete é diferente, a bola é diferente, a quadra é diferente. Hoje os caras jogam na mesma velocidade, o tempo inteiro, quase sempre com a mesma bola. A bola muda um pouquinho e está todo mundo reclamando. A nossa geração jogava numa quadra que era um espelho, depois numa que era áspera, dura, lenta, e depois jogava numa que não sei o quê. Numa semana com a bola rapidíssima, na outra com uma bola que parecia uma bola de futebol. Então toda semana você se adaptava. Qual é a adaptação que você tinha? O cara tinha menos tempo. O que o trio fez, que é absurdo, é a longevidade. É a quantidade de tempo jogando em sorteio da loterias excelência absurda. Pega Sampras, Agassi, Muster, Borg, seja quem for, tem um tempo. Levou três anos, quatro anos, caiu dois, voltou, ganhou de novo por quatro anos. Caiu um. O Agassi teve a loucura dele lá com a Brooke Shields, ficou um ano 130, 140, voltou, virou número 1 de novo. Você pega o trio e pior ranking deles é 3.

O que eles fizeram de diferente?

— Profissionalizou. Na minha geração era muito mais solto. Não tinha preparador físico. Hoje os caras viajam com quatro, cinco caras. Hoje tudo é monitorado. Hoje acaba um jogo e você tem o scout de tudo, onde jogou, por que perdeu, quatro bolas aqui que quicaram a três centímetros da linha na cruzada, então você tem que mudar para a paralela. Com dinheiro, tem a excelência. Quem foi o melhor do Big 3? Seu gosto pessoal.

— Para mim, é muito simples. Se a gente vai em sorteio da loterias números, não há dúvida: Djokovic. Uma coisa é ser o melhor, outra é ser o maior. O maior, na minha humilde opinião, o Pelé é o Federer. Para mim, o maior, e não é o cara que eu mais gosto, é o Federer.

E de quem você mais gosta?

— É natural ser o Nadal. Porque ele é muito parecido comigo, é canhoto. É um Meligeni

melhorado 150 vezes (risos). Um cara que deu certo. Ele joga como eu, taticamente é muito parecido como eu gostava de jogar. Ele tinha que suar saibro para ganhar. Eu gostava de assistir. E fora da quadra sempre foi um exemplo. Mas eu acho que o maior, o cara mais importante para o tênis na história, foi o Federer.

Se o Sampras jogasse hoje, com essa tecnologia, ele estaria nessa conversa?

— Sim.

Só ele?

— Só ele. O Agassi estaria um passo abaixo.

Com esses dados todos, essa tecnologia toda, não se perdeu o instinto?

—Podemos dizer que sim. Perdeu a irreverência. Perdeu o cara olhar e tentar coisas diferentes.

Mas também se ganhou em sorteio da loterias muita coisa. Os caras aprenderam mais a jogar. O tênis está muito bonito, muito legal. O tênis está para frente, está para o ataque. Não se faz mais um jovem para jogar à la Meligeni, à la Ferrer. Hoje faz um João Fonseca, que joga em sorteio da loterias cima da linha, metendo a mão na bola, batendo da cintura para cima, sempre indo ao encontro da bola e não esperando. São evoluções do esporte, maneiras diferentes de jogar.

Serena é maior que o Big 3?

— Eu acho. Pela história de vida. Para mim, ainda, a Serena é a maior atleta que eu vi. De esporte individual? Sem dúvida nenhuma. Maior atleta de todos os tempos, homens ou mulheres. O que ela fez, a quantidade de Grand Slam, a história dela, de onde veio, a história da família. Eu convivi, conheço. Acho ela incrível. Ninguém tira a cena do pai dela na porta do US Open, brigando por direitos iguais. “Welcome to the Williams show”. Uma cartolina numa mão, o megafone na outra, “Welcome to the Williams show”. Isso aí arrepiava. O pai que falou: “A gente vai vencer, a família vai vencer”. E venceu.

Qual vai ser o tamanho do João Fonseca?

— Tênis é muito incerto. Quantos meninos de 12 anos eu vi e falei: “Esse cara joga para c...”. E aí acabou. É um esporte individual. Fonseca joga muito tênis. Eu acredito muito nele. Mas não vamos endeusar antes. “Ah, mas é o futuro Guga”. Deixa o Guga lá. Ele vai ser melhor ou pior que o Guga, que o Meligeni, o Bellucci. Mas ele vai ser o Fonseca. Eu estava treinando com ele hoje. Ele joga tênis para caramba. Eu queria jogar com 18 anos o tênis que ele joga. Mas vai chegar? Não sei.

Mas com 18 anos você jogava, foi o melhor juvenil do mundo.

— Tudo bem. Mas ele joga mais tênis do que eu jogo. Bem mais. Você olhava para o Meligeni, olha para o Fonseca. Você pega o dinheiro que você tem, pede emprestado para todo mundo e bota o dinheiro nele (risos).

Até onde a Bia Haddad pode chegar?

— Eu acho que a Bia vai ser a número 1 do mundo.

Fernando Meligeni em sorteio da loterias entrevista para o Abre Aspas — {img}: ge

O que falta?

— Evoluções que todo dia você precisa. Conheço ela, adoro ela, adoro o treinador dela. Acho que estão fazendo um trabalho absurdo. Precisa melhorar a previsibilidade do jogo dela, do saque dela. Ainda acho muito previsível em sorteio da loterias certos momentos. Acho que ela se pressiona demais. Ela sofreu demais na vida dela, lesões e problemas. E isso para ela é um dificultador. E isso aí é maturidade. Um dia você acorda e fala: “Cansei de ficar na semifinal”. Faz parte. Tem gente que não chega. Tem uma coisa que está interna na gente, é um monstro que está aqui [no estômago]. E no dia que você vomita o monstro, acabou. É o que o Guga fez quando ganhou Roland Garros.

Você vê isso nela?

— Ah, vejo. Vou te falar. Cada quatro, cinco meses, vou lá treinar uma vez ou outra com ela. Poucas vezes eu vi alguém treinar com a intensidade que ela treina. Profissional do jeito que ela é. E ela tem um tênis... Está ficando mais rápida, mais forte, está se machucando menos. Vai ter que cadenciar mais a dupla, e isso é opinião minha. Está jogando demais dupla. Eu pararia de jogar. Jogaria uma semana aqui, não jogaria Grand Slam de duplas.

Como é treinar com ela?

— Quem me procurou foi o Rafa [Paciaroni, técnico da Bia Haddad]. E isso é um mérito incrível dele. Em 20 anos de pós-tênis que eu tenho, dois ou três caras me procuraram para falar de tênis, debater tênis. E nenhum daqui estava com um top jogador. Procurou o Guga, o Ricardinho Melo foi lá. E ele pega informação, ele sempre foi muito aberto. Sempre que eu fui, tive a liberdade total de falar o que eu acho. E a partir daí a gente criou uma empatia. Eu a conheço desde pequena, conheço a família, ela sempre jogou com a Carol. Ela sabe que eu não tenho interesse nenhum. Só tenho interesse em sorteio da loterias dar a minha expertise, nunca vou cobrar nada na carreira dela. Não quero viajar com ela. Quero ficar com a minha família. Eu quero contribuir. Abriam a porta para eu falar o que eu quiser. Eu vou falar, com toda a educação do mundo, e o que vocês acharem que é bom, coloca para dentro. O que achar que é ruim, deleta.

Tem essa entrada, essa relação, com alguém do masculino?

— Nenhuma.

O que acha de uma dupla Bia e Luisa Stefani?

— Esporádica para uma Olimpíada, para uma Billie Jean Cup. Mas sem nenhuma chance de acontecer. Porque a Luisa vive da dupla, e a Bia vive da simples. Quanto melhor a Bia for, e melhor a Luisa for, mais elas precisam ter foco no que estão fazendo. E aí é onde elas se separam. É aí que a Bia pode não jogar uma semifinal de dupla e acabar prejudicando [a Luisa]. A Luisa precisa de uma parceira fixa. E a Bia tem que jogar quando estiver bem fisicamente, quando quiser treinar algum fundamento. Mas é uma dupla fortíssima. Quem tem que fazer essa escolha é a Luisa. Não é fácil essa escolha.

No futuro você vai ser treinador, deputado, presidente da CBT?

— Político: nenhuma chance. Pode me colocar num hospício. Nenhuma chance. Presidente da CBT: não. Porque eu não acredito que eu mudaria o tênis. Não tenho essa petulância de achar. Posso ajudar. Mas ter cargo formal, não quero. Técnico de tênis? Não me vejo. No dia que eu for o técnico de uma pessoa, eu não posso abrir o leque do jeito que eu abro. Hoje, sem brincadeira, tem 20 ou 30 juvenis que falam comigo no WhatsApp. Eles me mandam resultado, me perguntam. Deve ter 20, 30 pais de outros juvenis que me pedem conselhos. Se é uma coisa fácil eu falo por WhatsApp. Se é uma coisa difícil eu ligo para ele, fico uma hora, 40 minutos falando com as pessoas. Essa contribuição minha com o tênis é muito mais importante do que treinar uma pessoa.

Veja também

Author: mka.arq.br

Subject: sorteio da loterias

Keywords: sorteio da loterias

Update: 2024/6/25 7:21:00